

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
María Consuelo Alvarez Morán
Rosa María Iglesias Montiel
Coordenação



orma
& Transgressão

II



• COIMBRA 2011

CAPÍTULO III

RELIGIÃO: DA GRÉCIA AOS NOSSOS DIAS

José Augusto M. Ramos

*Centro de História da Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa*

NORMA E TRANSGRESSÃO, À LUZ DO PARADIGMA BÍBLICO

Por paradigma bíblico não se pretende significar nenhum tipo de normatividade que pudesse afunilar o tratamento destas duas categorias do agir humano aparentemente antitéticas. Entendemos por paradigma bíblico coordenadas que oferecem como motivo de pertinência especial o facto de se prolongarem por um tempo significativo e de implicarem um sistema de referências e valores, de sabor teológico e, por conseguinte, mais mítico e poético-literário do que puramente filosófico¹. Pelo dinamismo que incutiu na vivência cultural ao longo da história este paradigma de leitura garante uma dose de representatividade bem notória.

Esta representatividade encontra-se quase ritualizada pelo facto de a literatura bíblica ter andado a constituir a base de leitura pública e oficial há mais de dois milénios, suportando no interior dessa leitura o peso da dissensão entre duas religiões, judaísmo e cristianismo, sendo que este último, sobretudo, se subdivide ainda em muitas modalidades diferentes. Essa função de leitura está na origem do conceito de Bíblia; e, tanto o judaísmo² como o islamismo³, conservaram para os textos canónicos da sua

¹ É cada vez mais incómodo pisar os terrenos resvaladiços da fronteira entre o filosófico e o poético-teológico. Para as questões atinentes ao mundo oriental, bem como para as matérias da teologia e do discurso religioso em geral, assumir esta incomodidade de forma sadia e lúcida é um passo essencial para prosseguir em bom caminho.

² *Miqrá'* (leitura) é a designação corrente para identificar a Bíblia.

³ *Alqur'an*, Alcorão, significa leitura igualmente.